

CREPUSCULO

GAZETA LITTERARIA

PROPRIEDDE DE SABBAS COSTA

Desterro, 29 de Julho de 1889

ANNO III

Publicação semanal

Assig. por mez... 500 réis.

Pagamento adiantado

COLLABORADORES:—DD. Revocata de Mello, Rosa Valente. Candida Fortes, Candida Abreu, Julia Cavalcanti, Luiza Cavalcanti Guimarães, Ibrantina e Ubaldina de Oliveira; Srs. Silvio Pellico, Carlos de Faria, Pedro Goydel, Timotheo Maia, José Prates, Alfredo Toledo, Dr. Messeder, Brigido Peixoto, Francisco Cardona, Salomé Pereira, Carnarim Junior e Wenceslau Bueno.

NUMERO 31

Escriptorio á rua de João Pinto n. 40

SAUDAÇÃO

A' Exma. Sra. D. Rosa Valente

Recta e abrilhantada por mundos de luz benéfica será a caminhada que vindes de encetar pela estrada que conduz á «gloria litteraria» se vos dedicardes com afincio, se aproveitardes o talento que rebrilha em vosso cerebro.

Ouvireis, a cada passo, sinceras e dedicadas phrases de encorajamento daquelles que, distanciados dos espiritos retrogradados, não condemnam a mulher a viver só para o lar, só para a vida domestica.

Sem a educação da mulher o homem jamais gosará a felicidade em sua perfeição.

A filha, a esposa, a mãe, além de conhecer os seus deveres perante os pais, o esposo, os filhos, necessita conhecer a sociedade; necessita saber para ser livre e ser livre para saber.

Vamos, promettedora principiante!

Ainda hontem «uma rosa em seu primeiro movimento,» ao «crepusculo,» embalsamava o ar com seus perfumes deleitosos, embriagadores.

Logo, após pequeno descanso, «qual subtil borboleta quando repousa beijando os estames d'uma flor,» ELLA, dava nos mais um pedaço de luz suave, dessa que «não se apaga, ao contrario», eleva-se «a uma labareda que se levanta sempre prompta a auxiliar aquelles que não tem reflexos de estrellas scintillantes.»

E amanhã? *Ella* patentear-nos ha novos momentos de dedicação, de aproveitamento; affirmo.

Não temerá os zoilos, quem principia tão desembaraçadamente, tão altivamente.

Temel-os!... E porque! De corações plenos de fé acaso merecem attenções os inimigos da luz, os zoilos, os eternos caminhadores do obscurantismo?

Eu penso que não; e, assim, julgando que a distincta principiante terá a colher só flores, muitas flores, cumpre-me pedir-lhe conceda-me a honra de acceitar as sinceras saudações do mais obscuro collaborador desta folha, pelo motivo de sua estréa em trabalhos litterarios.

Desterro—26—7—89.

F. CARDONA.

CONFIANÇA CONJUGAL

I

Paulo adora sua esposa.

Ella, uma verdadeira criação tropical, exuberante de viço e belleza, nada lhe fica a dever, que toda se lhe faz extremos.

Entretanto, vagas mas tenebrosas nuvens surgem a pairar. De vez em vez por aquelle céu de argentado azul.

Os zelos! Ah! é a tempestade dos zelos, que ameaça o ninho dos roxinões, de fresco entrecido na senda da vida!

— Paulo, diz-lhe ella uma tarde, apresentando-lhe um telegramma, minha mãe acha-se em perigo de vida; preciso estar em Baltimore com a maior brevidade.

— Impossivel! não vês que todo o nosso futuro está pendente da importante invenção que é mister concluir antes que outro se antecipe?

— Irei só: dá-me dinheiro para a viagem.

— Camilla! a mulher que se caza contrahe o dever de jamais abandonar seu marido.

— E o homem que se caza contrahe o dever de satisfazer a esposa em todos os desejos razoaveis.

— Pois bem, vai!

II

Noite de insomnia para o joven par.

Ella, revolvendo na mente a pertinacia do marido, que bem pode acompanhá-la, crea phantasticos motivos e firma cada vez mais o intento de intransigencia.

Elle, suffocado em funestos receios, procura anticipados meios de vingança.

III

Rompe o dia.

Elle, mais pallido que as alvas cortinas do *boudoir*, toma um elegante cofresinho de ebano e, apresentando-o á esposa:

— Vais partir contra minha vontade; cruel presentimento me consome a paz do coração; juras ao menos fazer o que eu te pedir?

— Pelo sagrado fim de minha partida, o juro!

— Tens aqui dentro todos os escriptos com que outr'ora alimentámos um affecto hoje legitimado pela igreja; se, por qualquer circumstancia, houveres de trahir o juramento que ao meu destino te prende, lançarás ao fogo este cofre, cuja fragilidade te recomendo.

IV

Illm. Sr. Paulo G.

Camilla, morta. Cofre, dynamite, descuido.

Baltimore, etc., etc.

Raul P.

— Louco! Maldição! brada o infeliz estorcendo as mãos no auge do desespero. Que fazer?! Como transpor de momento tamanha distancia?! Ah! Sim! O *Cavour*, que parte hoje, faz escala pelos Estados-Unidos! Vamos! Nem um instante a perder!

V

Barra a fóra.

Impaciencia delirio.

— Oh! Marcha interminavel! Senhores, este barco nem parece mover-se! Estará arruinado? Haverá falta de combustível?

— Nada disso; responde o commandante, o *Cavour* é um dos melhores vapores desta carreira, pode V. S. ficar tranquillo; a viagem será magnifica.

— Magnifica! Oh! Se eu houvera forças para estreitar o Oceano! As horas voam! Dois dias já! Meu Deus! Camilla! Camilla!

E desses accessos o misero cahia em funda prostração, mostrando, na estranha fixidez do olhar, fataes indicios de loucura.

— Está em perigo a razão daquelle homem, disse o medico de bordo, é mister pela viagem adeante, tel-o adormecido quanto for possivel.

VI

Em Baltimore.

Elle, pallido, cadaverico, mal tendo-se em pé, transpõe o limiar da camara, onde deve encontrar embalsamado o corpo da querida esposa.

Um grito irrompe-lhe subito!

Um grito de terror e espanto, de surpresa e alegria! Um desses gritos d'alma, que são o mixto a synthese de tudo quanto não traduz em rapidez a palavra humana!

Camilla, amparada pela mãe e ainda mais bella no pallor de breve convalescença, lhe estendia sorrindo os braços.

— Não morri, não, senhor zeloso, mas tomemos juizo para o futuro...

Elle nada pôde responder, porem, mais eloquente, jurou, n'um estreito e apaixonado amplexo, jamais transgredir o codigo no matrimonio que prescreve a confiança conjugal.

R. G. Sul—Cachoeira

CANDIDA FORTES.

MELANCHOLIA

Cortava o batel a superficie placida do mar; nem uma onda encapellada no oceano, nem uma nuvem no azul!

Eu caminhava alegre e risonho entre os sorrisos da familia e dos amigos em busca de um porvir de felicidades, e era meu guia a estrella polar da esperanza.

A vontade ferrea e fê de fanatico eram os possantes remeiro de meu batel.

Entre lyrios e rosas de inebriantes perfumes eu sonhava o respeito e a admiração dos posteros.

E meu batel vogava celere, beijado pelas aguas esmeraldinas, saudado pelos passaros que por sobre mim voavam cantando hymnos de alegria e pelo adeus branco de despedida jogado pelos lenços dos que ficavam em caminho.

E eu era feliz, em minha vida tudo era venturas, nem uma onda encapellada no oceano, nem uma nuvem no azul!

Um dia uma nuvem negra como a desgraça sombreou o céu antes tão limpido de minha existencia.

E ao alvorecer desse dia os passaros não cantaram, o despontar da aurora não foi saudado, o sol ao assomar no levante não ouviu a voz melodiosa dos cantores sylvestres.

Desde então meu batel ja não voga ligeiro, os passaros não o saudam mais e as ondas o açoutam rijamente.

E é por isso que vivo triste.

E essa nuvem és tu, ingrata, que feriste-me com a luz de teus olhos, prendeste-me com os teus cabellos setinosos e não comprehendes os arcanos de meus sentimentos immaculadamente puros e santos e impiedosa pisas altiva meu pobre coração.

E é por tua causa que eu vivo triste.

21—7—89.

ALFREDO TOLEDO.

PHANTASIA

A Joaquim Simplicio de Souza Burity

Ia alta a noite! A pequena e encantadora cidade de*** cansada do bulicio e das lides afadigas do dia, jazia mergulhada em profundo silencio, sómente interrompido, pelos toques monotonos e cadenciados do relógio de um campanario, que marcava as horas que se escoavam na ampulheta do tempo, e pelo plangente gemer do oceano, cujas ondas preguiçosas e brancas de espuma vinham quebrar-se na praia.

Myriades de estrellas recamavam a aboboda celeste que trajava um manto de pura cor cerulea. O azul do céu confundia se com o azul do mar. A lua, a rainha dos astros, a confidente de segredos, magestosa e bella, derramava seus argenteos raios sobre a natureza, que mollemente se reclinava no regaço da noite.

As auras saturadas dos perfumes dos jardins, embalavam meigamente as crutas das palmeiras, enebriando ao mesmo tempo os sentidos.

Tudo respirava melancholia!... tudo convidava ao amor! Amor!... dizia o oceano mysteriosa. Amor!... di-

zia a lua que percorria a immensidade. Amor!... segredava a doce brisa no calix das flores pendidas com o orvalho da noite.

Sublime concerto da natureza!

Contemplando esta scena arrebatadora e arrastado pelas idéas que me tumultuavam na imaginação, que devaneava por mundos desconhecidos, repeti com o mar, com a lua e com a brisa:—Amor!

Sim!... amor!... sentimento incompreensivel e cheio de encantos!... amor!... chama ardente que nos queima o peito!... amor!... sombra fugitiva que nos arrebatava...

E sonhar com o amor, vel-o nos céus, no mar e na terra, senti-lo e não achar um coração que o comprehenda, e contemplar a felicidade e não poder gosá-la; é sonhar com flores e despertar entre espinhos; é buscar a luz e nunca a encontrar.

Oh! vã felicidade.

P. COSTA.

LUIZINHA

Ao amigo Sabbas Costa

Coitadita! Era tão meiga e tão amiguinha dos pobres...

Da janella da minha republica, eu a via sempre a repartir com os pedintes, com os infelizes mendigos, as parcas proçõesinhas de alimentos que os vizinhos generosos lhe mandavam á casa, á sombria casita dentro da cerca de taboado apodrecido, quando seu velho pai, cambaleante, ébrio, um todo que mettia repugnancia e dô, gesticulando, sahia para a taverna de onde só voltava a tardias horas da noite quando não dormitava sobre as lages frias dos passeios ou junto aos muros das casas em construcção.

Coitadita! Tinha só 12 annos e soffria horrivelmente de tísica. A irmã, a Sophia, que havia abandonado o lar para alistar-se no quadro das perdidas logo que lhes fallecera a boa do vôvô, ás vezes passava em elegante carro tirado pela fogosa parelha de egoas normandas do visconde do Arroio e Silva. Luizinha parava no portão da cerca de taboado apodrecido a ver a irmã, tão bonita, tão bem vestida!

O carro perdi-se já no fim da rua, via-se só a nuvem de pó levantada na passagem pelo velocidade dos animaes puxadores, e a amiguinha dos pobres ainda ali se conservava a olhar, a olhar, sem sentir as lagrymas que das faces descoradas lhe desciam para o avental, alvo como a alma dos anjos

— Ella tinha saudades da Sophia, mas não queria acompanhá-la para andar de carro, bonita e bem vestida. Antes a irmã voltasse para casa!

Assim ella não teria tanto medo do pai quando á noite elle lhe quizesse bater com a bengala. Se a Sophia voltasse! Agora que ella tinha um filhinho, se não era mentira o que lhe contára a velha Thereza que fôra amiga de vôvósinha; agora o pai respeitaria a criancinha e — quem sabe! talvez nunca mais se embriagasse! Que bom seria! Tinha até desejos de falar á Sophia, de pedir-lhe que voltasse para casa, com o filhinho que ella beijaria duas vezes em cada instante.

Pensou, e foi á casa da irmã.

Em uma manhã, quando o pai, cambaleante e ébrio, um todo que mettia repugnancia e dô, gesticulando, sahia para a ta-

verna, Luizinha, arranjadita, com um avental alvo como a alma dos anjos, encaminhou-se pela rua a fôra, gastou muitos passos e, tão absorta ia com a lembrança de acariciar o filhinho da Sophia, cobril-o de beijos, e á irmã também que havia abandonado o lar, logo que lhes fallecera a boa do vôvô, tão entretida seguia que nem vio a irmã que passava em elegante carro tirado pela fogosa parelha de egoas normandas do visconde do Arroio e Silva.

Não estava Sophia.

Voltou triste e encontrou já em casa o pai muito ébrio e indignado com a sua ausencia.

Luizinha tremeu.

— Onde foste? rugiu o pai encolerizado, furioso.

— A' casa de Sophia...

— Ah! também tu... também queres... Ah!... Vais ver!...

E correu para ella empunhando a bengala.

— Pai! e cahiu de joelhos.

O ébrio castigou a brutalmente até deixá-la prostrada pelas pancadas.

Depois sahio para a taverna. Não voltou á noite. Junto aos muros de uma casa em construcção, foi pela manhã do dia seguinte encontrado enregelado o seu cadaver. A Santa Casa enterrou-o logo.

Luizinha soube.

A' tarde, veio a velha Thereza e levou-a para casa. Lá, a amiguinha dos pobres encontrou Sophia e o filhinho.

— Como era tão lindo! Não lhe mentira a velha Thereza. Se ella também tivesse um assim! Mas... não queria andar no carro do visconde do Arroio e Silva...

Passaram-se dias. Luizinha, cada vez mais, tinha o physico enfraquecido pela acabrunhadora enfermidade. Eutretanto, Sophia e a velha Thereza planejavam uma infamia. Queriam vender o pudor da pobresinha que, conhecendo as intenções malignas das fêras, fugiu lhes um dia e procurou abrigo no coração generoso dos seus antigos visinhos.

Todos a acolheram.

Ella voltou exactamente para a sombria casita dentro da cerca de taboado apodrecido.

Luizinha peiorava muito.

Pelo inverno, em um dia em que o medico não foi vel-a, ella morreu sorrindo! Coitadita! Tinha só 12 annos e soffria horrivelmente de tísica.

A boa vizinhança fez-lhe o enterro.

Da janella da minha republica, eu vi-a no caixãozinho, com as faces descoradas, sorrindo, vestida de virgem com roupagens alvas como a alma dos anjos.

— Coitadita! Era tão meiga e tão amiguinha dos pobres!

Pelotas—Junho—89.

FRANCISCO CARDONA.

As rôlas

Ao illustre escriptor Sr. Dr. Messeder

Eu gostava muito do meu gabinete, do meu quarto caiado de puro jaspe.

O sol quando entrava na alcova triumphadora do Occaso, batia obliquamente os raios de ouro na janella.

E essa luz de raios de ouro, é a luz que bate no travesseiro do leito, onde pouso a cabeça e ponho-me a scysmar em amores.

E scysmo muito e scysmo tanto e tanto que as vezes sinto no peito entrar uma melancolia que se não me faz chorar, ao menos me dilacera o peito e m'entristece a alma!

Ah! momento saudoso, ah! instante de morte!

Quando scysmo assim, em que para mim a vida é um complexo de dores, vejo sem luz a saudade, sem côr a esperança e o futuro sem viço!

E essa vidinha assim, propria de colibris nascidos ha dois dias, que dormitam no ermo ninho de algodão e musgo, é uma vida sem illusões!

Quando descanço a mão ao rosto, frio como neve, deitado no leito do quarto caiado de puro jaspe, fico n'um mar de magoas profundissimas.

Ao perto do meu quarto não existe arvoresinha, não existe, nem perfumam boninas de setim; apenas fica, distante uma lagôa rãsa d'onde as vezes bebo a agua crystalina!

De dia inda o quarto fica alegre, e é a luz do sol que o alegra, de noite o quarto fica triste, e é o céu escuro que o entristece!

A tarde, isto quando não chove nem venta, quando o sol proximo ao poente doura os prados, e as flôres em tremulos perfumes desabrocham; ouço de longe uma voz, ouço de perto um gemido.

na escadaria.

Uma tarde, quando o Astro não tinha mais ardentia, e do levante vinha a lua carinhosa e alva como niblina de manhã de Junho eu ouvia a voz, inda de longe e o gemido não existia.

Puz-me a ouvir a como quem ouve o gorjeio do canario, puz-me a ouvir-a durante muito tempo...

A principio eu julguei ser a voz d'um pino afinado e agudo.

Eu queria verificar se a voz era de instrumento, ou se era de gente.

Sahiu. Approximando-me da casa d'onde sahia a voz, vi que ella era, (que alegria! que conforto!) d'um anjo meigo e seductor: a voz era d'uma moça.

A casa da jovem cantora era um pouco baixa, e eu vi a musica que estava na estante do piano: era a *Nôrma*.

A voz era de uma moça.

Na outra tarde choveu, ventava, nem o sol doirava os prados, nem as flôres desabrochavam.

N'essa tarde não ouvi a voz. Fiquei triste.

N'uma outra tarde, quando eu lia um romance pittoresco e bom, um romance de amor, o céu parecia um oceano de anil. O sol não vagueava!

Do levante sahia orgulhosa a lua, colmeia de prata, mundo de prazeres!

Ouvi o gemido de perto, e a voz não existia!

Puz-me então a escutar-o calmo e pezaroso, a ouvir esse gemido triste e isolado.

Julguei ser elle um choro de criança.

E para certificar-me se era criança que chorava, ou pomba em manso turturino, cheguei á janella....

O gemido não era de creança: erão duas rolas que espanejavam a fina areia do quintal.

Conservei-me calado e nostalgico; mas o turturino de uma rola vinha me aos ouvidos e destes á alma dolorida!

Esse gemido foi-me consolador e, deu-me viço ao futuro...

As rôlas garrulas, carinhosas foram para mim a esperança e a fé!...

Quando eu ouvia exanime o gemido d'ellas, minhas amigas d'alma, nunca mais senti-me triste, nem tão pouco, quando scysmo, penetra-me ao peito melancholia alguma...

Quando as rolas, minhas amigas d'alma, turturinavam, espanejando a fina areia do quintal, nunca mais a vida foi me um complexo de dores e nunca mais vi sem luz a saudade, sem côr a esperança e o futuro sem viço!...

SABBAS COSTA.

Desterro—20—7—89.

O LAÇO AZUL

Ao vel-a passar em frente á minha casa, garridamente seductora e faccinante, meus olhares pairavam insensivelmente, como atrahidos, no conjuncto maravilhosamente bem contornado do seu busto dulçurosissimo.

Achava n'isto um prazer intimo: o meu coração, n'um pulsar extasiatico, levava-me ao cerebro espiraes de phantasia, que idealisava-me um goso satisfatoriamente bom.

De todos os adornos com que se enfeitava, havia um, simples, que me agradava muitissimo: era um laço de fita azul que lhe prendia bellamente o azevichado cabello crespo.

Um dia tive desejo de dizer-lhe que me sentia encantado da sua formosura, mas não achava-me com animo de tal revelação, —Porque me olha tanto?—perguntou-me a sorrir uma vez—acha-me feia ou bonita?

—Lindissima! respondi-lhe com transporte.

A moça corou... Senti n'ella o embaraço natural das donzellas, e para affastar a impressão que lhe dêra aquelle—lindissima! —continuei:

—Esse laço de fita azul que ata o seu formoso cabello, desnecessario ao realce magestático da sua divinal belleza, que é pura e verdadeira, impressiona-me agradavelmente! Parece, ao admirar-a, que vejo um anjo descido das éthereas regiões á superficie da terra, trazendo ainda, presas da viagem, duas faxas de nuvens que deslumbram!...

—Bondosos olhos os seus!—exclamou, veem bellezas onde não as ha! Benigno ideal o vosso, que de uma mesquinha entidade terreal, phantasia um ser do céu encantador! Não continue, eu lhe supplico, a fazer de mim conceito a que de forma alguma poderei aspirar a sua realidade: quando tiver occasião de se lembrar de mim, encaminhe o seu olhar e pensamento unicamente para o meu *laço de fita azul*, visto deixar-lhe tão boas impressões! Não se esqueça, ouviu?

—Pois bem, minha senhora, retorqui-lhe, comparei-a com um anjo, e o anjo é uma entidade puramente ideal: á pouco parecia vel-a descer do céu, trazendo prezas ao cabello duas faxas de nuvens; agora, porém, invertendo, julgarei, já que lhe apraz, que a

vi subir da terra ao céu, deixando-me apenas como lembrança as faxas deslumbrantes, que são o vosso lindissimo LAÇO DE FITA AZUL.

P. GOUDEL.

PEROLAS DE OPHIR

O pôr do sol

Ia o sol magestoso declinando
Entre os raios de tibios esplendores
Co'os mimosos realces de mil côres
Do lindo poente as nuvens matisando.

Aqui,—de roseas gazas desdobrando
Brilhantes véos em mádidos vapores;
Alem, graciosos flôcos multicôres
Pelo horisonte, tardo desenhando.

E o placido már que nem frisava
Leve bafejo d'aura vespertina,
Fiel o bello quadro representava

Tão formoso na tela crystallina
Qual sobre o puro azul deliniava
Do Creador a sabia mão divina!

DELMINDA SILVEIRA.

1885

MINHA ALMA

Mais serena que no céu a lua,
quando banha de luz o pomar,
a minh'alma flutua, fluctua
sobre ondas roliças do mar...

Quer nos dias viris do inverno,
ou nas noites de meigo luar,
ella folga, sorrindo ao Eterno,
sobre as ondas roliças do mar...

Quantas vezes ao sôpro do vento,
ella aos ares se deixa elevar...
pede a Deus, a cantar, mais alento,
sobre as ondas roliças do mar...

N'este instante bem longe de abrólhos
no passado se foi a scysmar...
uma lagrima lhe fuge dos olhos
sobre as ondas roliças do mar...

Tem saudade da infancia querida,
dos instantes risinhos do lar
d'este amor que a sorrir dá-lhe vida
sobre as ondas roliças do mar!...

TIMOTHEO MAIA.

Desterro—89.

BEIJOS DO CÉU

Assim sonhei co'a minha amante, um dia:
—Vi-a no céu; e, enamoradamente,
De beijos a phalange resplendente
Dos seraphins todo seu corpo ungia;

Santos e anjos beijavam-na... Eu bem via!
Beijavam todos o seo labio ardente;
E até mesmo, beijando-a, o Omnipotente,
O proprio Deus, nos braços a cingia!

Mas o ciúme, fera que eu não domo,
Despertou-me do sonho, repentino...
Vi a dormindo, placida, a meu lado;

E beijei-a também, beijei-a... E ai! como
Achei doce o meu labio purpurino,
Tantas vezes assim no céu beijado!

RAYMUNDO CORREA.

Amor de mãe

(Traduzido de J. Richopin)

Era uma vez um doido, um pobre allucinado
Que amava uma mulher por quem não era amado...

Um dia disse-lhe ella: Exijo o coração
De tua mãe p'ra dar ao meu querido cão.

O doido logo foi a casa e a mãe matou,
Tirou-lhe o coração, com elle se abalou.

Como ia na corrida escorregou, e então,
Sem q'rer deixou cahir por terra o coração.

E como assim cahisse, é claro que rolava,
Naquelle instante o filho ouviu que lhe fallava.

Ouviu que ella dizia em tremulo gemido:
«Acaso te magoaste, ó filho meu querido?»

LIVRO DE NOTAS

Dr. Raposo

Acha-se nesta capital, vindo de Corityba,
onde reside, o illustre e amavel facultativo
Sr. Dr. José do Rego Raposo.

A S. S. comprimentamos com toda cordi-
alidade.

Gabinete typographico

De passeio fomos convidados á visitar o
pequeno gabinete typographico anexo a
pharmacia dos laboriosos e conhecidos cida-
dãos Srs. Raulino Horn & Oliveira.

Deu-nos a honra de acompanhar o Sr.
Oliveira que não obstante dispensar-nos as
suavidades que lhe exornam ainda deu-se ao
trabalho de nos mostrar todos os utensilios
do gabinete, bem como obras de impressão,
que muito nos agradaram.

Vimos também muitos medicamentos, pre-
parados dos Srs. pharmaceuticos Raulino
Horn e Oliveira.

Tudo que vimos e examinamos nos cau-
sou soberba admiração e enthusiasmo.

A maneira que nos dispensaram os cita-
dos cidadãos muito nos eleva e honra.

Portanto, agradecendo tão significativa
amabilidade desejamos-lhes todas as sortes
de ventura e felicidades.

Em viagem

Depois de alguns dias de estada entre nós,
retirou-se no dia 25 para S. Paulo o joven
pelotense João Domingos da Cunha, artista
intelligente e dedicado litterato.

Acompanhou o a bordo do *Rio Negro* uma
comissão de escriptores d'este jornal.

—No mesmo dia partio para a corte onde
vai continuar no seu emprego o joven amigo
Arthur Rocha, que viera a passeio.

Ao talentoso amigo desejamos feliz regres-
so e feliz vida.

Flores

No dia 25 do corrente nupciaram-se a
Exma. Sra. D. Alice Vieira da Silva e o Illm.
Sr. Dr. Augusto Fausto de Souza Junior, pes-
soa de alta consideração e muito agradável.

Ao tão distincto par, desejando uma vida
cheia de risos e virtudes, enviamos flores em
saudações.

Dr. Messeder

O illustrado escriptor e nosso conceituado
e querido collaborador já está restabelecido
da ligeira enfermidade que teve.

Parabens, muitos apertos de mão.

Necrologia

Falleceram neste mez:

— Na corte o Sr. Manoel Henrique de
Souza, conceituado irmão do Sr. José Anto-
nio de Souza a quem cordialmente envia-
mos pezames.

— Nesta cidade, a 16, a menina Anninha,
adoravel filhinha do Sr. Reinhardt, actual
contador do correio da capital.

Aninha era uma creancinha alegre como
pombinhas voando e borboletas sorvendo o
o succo saboroso das flores.

Esse anjinho tinha só 5 primaveras, estra-
da gloriosa da infancia em que a vida ri e
canta como gaturamos em manhãs de inver-
no!

A' Exma. familia do illustre Sr. Reinhardt
enviamos nossas condolencias.

— O honrado Sr. major Manoel J. da Cos-
ta Cardoso, sogro do illustrado Sr. Dr. Crespo
a quem enviamos votos de pesar.

Album de parabens

Faz amanhã 70 annos que fitou a luz do
mundo o Sr. Cypriano Francisco de Souza,
homem de bons predicados, sentimentos no-
bres, generoso, e agradável e bom pae de
familia.

A S. S. desejamos uma vida prazenteira
em que goze innumeradas satisfacões.

— Neste mez completou também annos, o
nosso estudioso e intelligente amigo — Elpidio
Wernek.

Abracos, muitos abraços

Nós e a imprensa

O brilhante *Trabalho* da Laguna disse de
nós as seguintes linhas, pelas quaes teste-
munhamos nossa sincera gratidão:

— *Crepusculo* — Reappareceu, no Dester-
ro, o pequeno jornal litterario *Crepusculo*,
de direcção e fundação do talentoso moço
Sabbas Costa.

Bibliographia

Temos em archivo os illustrados collegas
ultimamente chegados:

A *Gazeta de Campinas*, folha democrati-
ca, que se publica sob a propriedade do
adoravel e talentoso poeta Carlos Ferreira ao
qual entusiasticamente admiramos.

O *Itajubá*, de Minas. E' uma folha que
desempenha com criterio o seu programma.

A *Republica* de Curityba, que como sem-
pre vem repleta de artigos firmados por
apreciadissimas penas.

O *Bom Successo*, de Minas. E' boa folha.
Traz importantes artigos.

A *Revista da União Academica*, (anno I,
num. 3). Tem o seguinte summario:—Qua-
torze de Julho. O terror. Combustão da
pólvora. Dulce. Homogeneidade. Soneto.
As armas de repetição e actual redução de
colibre. Trigonometria. Chronica e Expedi-
ente.

A *Revista* é um opusculo que honra a il-
lustrada academia militar de Porto Alegre.

A *Evolução* desta cidade. Como sempre
importante e digna de leitura.

O *Trabalho* da Laguna, semanario que
pode ser lido; pois traz sempre bons artigos.

HORAS VAGAS

Abrimos hoje no jornal uma secção de
charadas e logogriphos.

A pessoa que decifrar tudo que n'ella se
publicar em cada numero, terá direito a um
premio, que será entregue logo que tenha-
mos as respectivas decifrações.

—A charada do nosso ultimo numero foi
decifrada pelo nosso habil collaborador Al-
fredo Toledo.

A solução é — *Christovão*.

Logogripho

A Horacio Nunes, assassino do meu logogri-
pho *Crepusculo*

E' sujeito—1, 7, 10, 2, 3, 6, 7.
europeu. 12, 9, 11, 5, 7.

Sim senhor
affirmo eu.

(Desterro)

F. Cardona.

Impresso na typ. da *Tribuna Popular*.